ENTRE A PARIDADE E O TETO DE VIDRO: A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NAS COMISSÕES TÉCNICAS DO FUTEBOL FEMININO EM PARIS 2024

BETWEEN PARITY AND THE GLASS CEILING: THE PARTICIPATION OF WOMEN IN THE TECHNICAL COMMITTEES OF WOMEN'S FOOTBALL IN PARIS 2024

Camile Vitória Araújo de Souza
ORCID 0009-0000-1205-4813
Universidade Federal de Sergipe - UFS
Aracaju, Brasil
profcamilearaujo@gmail.com

Marcos Lima Barbosa
ORCID 0000-0001-8443-1091
Universidade Federal de Sergipe – UFS
Aracaju, Brasil
marcoslimabarbosa2903@gmail.com

Roberta Santos Kumakura
ORCID 0000-0002-6430-9897
Universidade Federal de Sergipe – UFS
Aracaju, Brasil
kumakura.roberta@gmail.com

Marcelo de Castro Haiachi
ORCID 0000-0002-9361-9018
Universidade Federal de Sergipe – UFS
Aracaju, Brasil
prof.haiachi@gmail.com

Resumo. O presente estudo teve como objetivo identificar a participação feminina nas comissões técnicas das seleções de futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Paris 2024, analisando a distribuição de mulheres nos cargos de treinadora, auxiliar técnica e preparadora de goleiras. Trata-se de uma pesquisa descritiva, de caráter documental, com abordagem quanti-qualitativa e delineamento transversal. Os dados foram coletados a partir da Squad List oficial das seleções, que constava os membros das comissões técnicas. A análise estatística descritiva foi realizada por meio da frequência absoluta e relativa, complementada por interpretação à luz da literatura especializada sobre gênero e liderança no esporte. Foram identificados 44 membros nas funções analisadas, sendo 15 mulheres (34%) e 29 homens (66%). No cargo de treinadora, apenas três seleções (25%) eram comandadas por mulheres. A função de auxiliar técnica foi a que obteve maior presença feminina (52%), enquanto a função de preparador de goleiras apresentou predominância masculina, com apenas uma mulher ocupando o cargo (9%). Observou-se ainda que 83% das seleções possuíam ao menos uma mulher em algum dos cargos analisados, com exceção de Brasil e Colômbia. Os resultados indicaram que a representação de mulheres nos cargos de comissão técnica no futebol feminino olímpico em 2024 foi notavelmente baixa, apesar da paridade de gênero alcançada entre os atletas na edição. Os cargos de liderança dentro das comissões permanecerem expressivamente ocupados por homens, refletindo a metáfora do "teto de vidro", a partir de barreiras e obstáculos que impedem a inserção, progressão e permanência de mulheres nos cargos de liderança esportiva. Conclui-se que a igualdade de gênero no contexto olímpico ainda não se efetiva plenamente nos espaços de decisão e liderança esportiva.

Palavras-Chave: Mulheres; Liderança esportiva; Jogos Olímpicos; Futebol feminino.

Abstract. This study aimed to identify female participation in the technical committees of the women's football teams at the Paris 2024 Olympic Games, analyzing the distribution of women in the roles of head coach, assistant coach, and goalkeeping coach. This is a descriptive, documentary study with a mixed-methods approach and a cross-sectional design. Data were collected from the official Squad List of the teams, which included the members of the technical committees. Descriptive statistical analysis was performed using absolute and relative frequencies, complemented by interpretation in light of specialized literature on gender and leadership in sport. Forty-four members were identified in the analyzed roles, 15 women (34%) and 29 men (66%). In the head coach role, only three teams (25%) were led by women. The assistant coach role had the highest female presence (52%), while the goalkeeping coach role showed a male predominance, with only one woman holding the position (9%). It was also observed that 83% of the teams had at least one woman in one of the analyzed positions, with the exception of Brazil and Colombia. The results indicated that the representation of women in technical staff positions in women's Olympic football in 2024 was notably low, despite the gender parity achieved among athletes in that edition. Leadership positions within the committees remained overwhelmingly occupied by men, reflecting the "glass ceiling" metaphor, which refers to barriers that hinder women's inclusion, progression, and retention in sports leadership. It is concluded that gender

equality in the Olympic context is not yet fully realized in spaces of decision-making and sports leadership.

Keywords: Women; Sports leadership; Olympic Games; Women's football.

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, a participação feminina nos Jogos Olímpicos é marcada por exclusões e restrições progressivas. Por exemplo, nas Panatéias (primeiros jogos olímpicos) às mulheres era restrita toda e qualquer forma de participação, seja como telespectadora ou como competidora (Oliveira et al., 2018). Na primeira edição da era moderna, em Atenas 1896, as mulheres foram formalmente proibidas de competir, refletindo concepções sociais que associavam o esporte competitivo à masculinidade e à superioridade física masculina (Pereira, 2019). A inserção feminina nos Jogos ocorreu apenas em Paris 1900, quando 22 mulheres participaram em modalidades consideradas “adequadas” ao padrão de feminilidade da época, como tênis e golfe (Giglio et al., 2018).

Ao longo do século XX, a ampliação da participação feminina no esporte olímpico ocorreu de maneira gradual e desigual, condicionada por disputas políticas, transformações sociais e pressões de movimentos feministas e organismos internacionais (Rubio & Simões, 2007; Oliveira et al., 2008). Nas últimas décadas, especialmente a partir da Agenda 2020 do COI, intensificaram-se as políticas institucionais voltadas à promoção da igualdade de gênero, culminando na paridade numérica entre atletas homens e mulheres alcançada em Paris 2024 (IOC, n.d.; IOC, 2024). Dentre as 40 recomendações, a busca pela igualdade de gênero sugere uma reparação histórica às mulheres pelas proibições feitas a elas no âmbito esportivo internacional (Rubio, 2016). Ainda assim, a trajetória histórica evidencia que a inclusão feminina no movimento olímpico não foi um processo linear, mas resultado de tensionamentos contínuos em torno de poder, representação e legitimidade no esporte.

Os jogos olímpicos de 2024 foram amplamente descritos como marco histórico no que se refere à equidade de gênero, ao atingirem pela primeira vez, a paridade numérica entre atletas homens e mulheres nas competições (IOC, 2024). Tal avanço representa um passo importante no compromisso do Comitê Olímpico Internacional (COI) para promover a igualdade de gênero no esporte, consolidando um processo que vem sendo construído ao longo das últimas décadas, com a participação progressiva das mulheres nas edições olímpicas (IOC, 2021). Entretanto, embora a equidade na participação esportiva tenha sido formalmente alcançada no campo de jogo, ainda existem assimetrias importantes nos espaços de poder e liderança que estruturam o cenário esportivo internacional (Krahenbühl, 2023).

No contexto do futebol feminino, modalidade que apresenta um crescimento expressivo em visibilidade, investimento e profissionalização, a desigualdade de gênero ainda se manifesta de forma evidente nos cargos de liderança dentro das comissões técnicas. Esses espaços compostos por treinadores(as), auxiliares e demais profissionais responsáveis pela condução estratégica das equipes, configuram-se como instâncias centrais de tomada de decisão e liderança. Apesar de o futebol feminino ser protagonizado por mulheres enquanto atletas, os cargos de comando continuam, em grande escala, ocupados por homens (Novais et. al., 2022; Novais, 2018).

Dados da edição dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 evidenciam essa disparidade: entre quarenta e cinco profissionais que atuavam como treinadores(as), auxiliares técnicos(as) e preparadores(as) de goleiras, apenas treze eram mulheres (FIFA, 2021). Esses resultados indicam que os avanços observados na participação feminina como atletas não se reproduzem de forma proporcional nos cargos de liderança técnica. Essa contradição aponta para a permanência de barreiras estruturais e culturais que limitam o acesso e a ascensão de mulheres a posições de maior autoridade no esporte.

De acordo com o COI, a representatividade de mulheres nos cargos de liderança dentro das comissões dos esportes olímpicos no geral é expressivamente baixa, cenário esse que também é visto nas comissões do futebol feminino (IOC, n.d.). O estudo de Acosta e Carpenter (2012) mostra que, nos Estados Unidos, país de grande tradição no futebol feminino, com o aumento do sucesso da modalidade a partir da *Title IX*, o número de treinadoras caiu consideravelmente. Essa lei, criada em 1972, exigia que o investimento no esporte educacional no país fosse direcionado igualmente para homens e mulheres. A partir daí, mostrando-se como um campo promissor, o futebol de mulheres foi ocupado por homens em busca de sucesso no comando dentro da modalidade.

No Brasil, os estudos reafirmam como o futebol de mulheres ainda é majoritariamente liderado por homem, e que mulheres têm alcançado lentamente esses papeis de liderança (Passero et. al., 2020). No seu estudo, Barreira et. al. (2020) mostra como esse cenário tem evoluído com o passar dos anos, ligado às ações das entidades esportivas através de ações de formação e incentivo para mulheres nesses cargos. Entretanto, ainda há desafios socioculturais que dificultam a permanência e o avanço das mulheres nesses cargos (Barreira, 2024).

Nessa conjuntura, a literatura especializada tem discutido esse fenômeno a partir de conceitos como o “teto de vidro”, que se refere a obstáculos invisíveis, porém consistentes, que dificultam a progressão feminina a cargos de liderança (Barreira, 2021). No âmbito esportivo, tais barreiras podem estar relacionadas a fatores históricos, à reprodução de estereótipos de gênero associados à autoridade e ao comando, à ausência de redes de apoio e à limitada implementação de políticas institucionais voltadas à equidade em cargos técnicos e administrativos (Barreira et. al., 2025; Krahenbühl, 2023). Dessa maneira, ainda que haja avanços normativos e simbólicos no discurso da igualdade dentro do esporte, as estruturas de poder permanecem marcadas por desigualdades persistentes.

Diante deste cenário, torna-se relevante investigar se o marco da paridade de gênero em Paris 2024 também se refletiu nas comissões técnicas do futebol feminino, especialmente nas funções de treinadora principal, auxiliar técnica e preparadora de goleiras. Desse modo, compreender a distribuição dessas funções permite ampliar o debate sobre representatividade, liderança e equidade no esporte de alto rendimento, contribuindo para uma análise mais abrangente dos avanços e limites da agenda de igualdade de gênero no contexto olímpico.

Assim, este estudo tem como objetivo identificar a participação feminina nas comissões técnicas das seleções de futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Paris 2024, buscando analisar a distribuição de mulheres nos cargos de liderança.

2. MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva, de caráter documental, com abordagem quanti-qualitativa e delineamento transversal, que teve como objetivo identificar a participação de mulheres nas comissões técnicas das seleções femininas de futebol nos Jogos Olímpicos de Paris em 2024, bem como analisar a distribuição dessas mulheres nos cargos de liderança. A escolha pela abordagem mista, envolvendo análises quantitativas e qualitativas, permite aprofundar-se no fenômeno de forma mais completa, a partir da necessidade da quantificação e interpretação dos dados (NUNES, Nascimento, & de Alencar 2016; PROETTI, 2017;).

A coleta de dados foi feita através de documentos encontrados em fontes oficiais da Fédération Internationale de Football Association (FIFA) e do Comitê Olímpico Internacional (COI). O principal documento utilizado foi a lista de convocação divulgada pela FIFA, denominada *Squad List*, que continha a relação de atletas e comissão técnica de todos os países participantes da competição (FIFA, 2024). Optou-se pela *Squad List* como fonte principal pela confiabilidade e veracidade das informações fornecidas pela principal instituição que rege o futebol no mundo. Ademais, foram realizadas pesquisas nas fontes oficiais das seleções participantes, porém não se encontrou informações confiáveis que pudessem embasar o estudo.

As funções de liderança analisadas foram treinadora, auxiliar técnica e preparadora de goleiras, escolha feita a partir das informações disponíveis nas fontes oficiais pesquisadas. Foram analisadas as 12 seleções participantes dos Jogos de Paris 2024: Estados Unidos, Brasil, Alemanha, Espanha, Canadá, Colômbia, França, Japão, Austrália, Nigéria, Nova Zelândia e Zâmbia.

A análise descritiva estatística se deu a partir da frequência absoluta e relativa bem como comparação descritiva, buscando identificar a presença e a distribuição das mulheres nos três cargos estudados entre os diferentes países, os dados à luz da literatura especializada sobre gênero e liderança no esporte.

A identificação do gênero dos membros das comissões técnicas foi realizada com base nas informações disponibilizadas nas listas oficiais, nos nomes e registros públicos vinculados às respectivas federações. Reconhece-se como limitação que essa classificação foi baseada em identificação pública e pode não contemplar nuances de identidade de gênero.

3. RESULTADOS

A partir da *Squad List* das seleções de futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Paris, foram identificados um total de 44 membros de comissão técnica distribuídos entre as 12 seleções, nas posições de treinador (a), auxiliar técnico (a) e preparador (a) de goleiras, dos quais 29 eram homens e 15 eram mulheres, representando 66% e 34% respectivamente. Focando especificamente nas 15 mulheres, 11 se encaixaram na posição de auxiliares técnicas, 3 na posição de treinadoras e 1 na posição de preparadora de goleiras. A tabela 1 apresenta a frequência absoluta e percentual por cargo.

Tabela 1. Distribuição de membros das comissões técnicas das seleções de futebol feminino – Paris 2024

Cargo	Mulheres (n)	Mulheres (%)	Homens (n)	Homens (%)	Total
Treinador(a)	3	25%	9	75%	12
Auxiliar Técnico(a)	11	52%	10	48%	21
Preparador(a) de Goleiras(os)	1	9%	10	91%	11
Total Geral	**15**	**34%**	**29**	**66%**	**44**

Fonte: Elaborado pelos autores com base na *Squad List* oficial da FIFA (2024).

Ao ser analisado especificamente o cargo de treinadora principal, foi observado que apenas três das doze seleções (25%) eram comandadas por mulheres, enquanto nove (75%) tinham homens nessa função. Esse dado demonstra que a posição de maior autoridade dentro das comissões técnicas permanece majoritariamente ocupada por profissionais do sexo masculino.

Em relação ao cargo de auxiliar-técnico, verificou-se a distribuição mais equilibrada entre os gêneros, com 11 mulheres (52%) e 10 homens (48%). Trata-se da única função em que a presença feminina superou numericamente a masculina. Por fim, na função preparador(a) de goleiras, constatou-se forte predominância masculina, com 10 homens (91%) e apenas uma mulher (9%).

Esses achados indicam que a inserção feminina em cargos de liderança nas comissões técnicas ocorre de maneira desigual entre os diferentes níveis hierárquicos, concentrando-se principalmente em funções auxiliares e sendo menos expressiva nos cargos de maior centralidade decisória. Além da análise por função, verificou-se também a distribuição feminina entre as seleções participantes, conforme apresentado na tabela 2.

Tabela 2. Presença de mulheres nas comissões técnicas por seleção – Futebol feminino, Paris 2024

Seleção	Treinadora	Auxiliar Técnica	Prep. de Goleiras	Total de Mulheres na Comissão
Estados Unidos	1	1	0	2
Canadá	1	1	1	2
Espanha	1	1	0	2

Seleção	Treinadora	Auxiliar Técnica	Prep. de Goleiras	Total de Mulheres na Comissão
Alemanha	0	1	0	1
França	0	1	0	1
Japão	0	1	0	1
Austrália	0	1	0	1
Nova Zelândia	0	1	0	1
Nigéria	0	1	0	1
Zâmbia	0	1	0	1
Brasil	0	0	0	0
Colômbia	0	0	0	0

Fonte: Elaborado pelos autores com base na *Squad List* oficial da FIFA (2024).

Observou-se que dez das doze seleções (83%) possuíam ao menos uma mulher em algum dos cargos analisados. Entretanto, apenas três equipes possuíam mulheres na posição de treinadora principal. Observou-se que, Brasil e Colômbia não apresentaram mulheres em nenhuma das funções investigadas, o que pode estar relacionado a fatores históricos e estruturais do desenvolvimento da modalidade na América do Sul.

Entre as seleções comandadas por treinadoras, destacam-se Estados Unidos, Canadá e Espanha. A equipe estadunidense conquistou o título olímpico na edição analisada, enquanto a Espanha e o Canadá alcançaram a 4ª e 7ª posições, respectivamente, na classificação final (IOC, n.d.). De forma geral, os dados indicam que, embora a presença feminina esteja distribuída na maioria das seleções, essa participação ocorre predominantemente em funções auxiliares, sendo significativamente menor nos cargos de maior autoridade e visibilidade dentro das comissões técnicas.

4. DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo identificar a participação feminina nas comissões técnicas das seleções de futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Paris 2024, buscando analisar a distribuição de mulheres nos cargos de liderança. Os resultados evidenciaram que, apesar dos avanços relacionados à paridade de gênero no esporte olímpico na edição de Paris 2024 entre os atletas participantes, já propostos pelo COI na Agenda Olímpica 2020, os cargos de liderança nas comissões técnicas de futebol feminino olímpico permanecem predominantemente ocupados por homens (COI, 2024; IOC, s.d.). Ao longo dos anos, o COI tem adotado políticas como a do *WISH (Women in Sport High-performance pathway programme)*, que visa desenvolver a trajetória da mulher treinadora, mas ainda não alcançou os efeitos desejados (IOC, 2022). Esse contraste evidencia que a equidade de gênero promovida na participação atlética não tem sido acompanhada por transformações estruturais nos espaços de governança e liderança técnica.

O fenômeno do “teto de vidro” tem sido frequentemente utilizado como forma de destacar os obstáculos enfrentados pelas mulheres para a ascensão aos cargos de poder nas diferentes esferas da vida (Teodoro et. al., 2024; Luz et. al., 2026). No esporte, especificamente, essa temática tem crescido nos estudos. Pfister e Radtke (2007), em um estudo feito na Alemanha, analisaram a participação de homens e mulheres nos cargos de liderança esportiva, e destacaram que esse fenômeno é multifatorial, destacando principalmente a cultura de líder ideal e contexto histórico-familiar.

Romariz, Votre e Mourão (2012), destacaram a baixa representatividade das mulheres no cargo de treinadora de voleibol de alto rendimento, mesmo apresentando competência, técnica e experiência semelhantes aos homens. Ferreira *et al.* (2013), em entrevista a 13 treinadoras de diversas modalidades, mostram que a representação de mulheres nos cargos de treinadoras estava limitada às categorias de base e à esportes considerados adequados às mulheres. Ambos os estudos se utilizam da metáfora do teto de vidro para representar a dificuldade de inserção

e progressão da mulher nessa carreira, e corroboram com os achados da presente pesquisa quando vemos baixa representação feminina nas comissões de futebol feminino, com um total de 66% dos cargos ocupados por homens e apenas 34% ocupados por mulheres. Esse percentual revela que, mesmo em uma modalidade feminina, os espaços de autoridade técnica permanecem estruturados sob lógica masculina.

Quando analisamos a função de treinadora, cargo de maior poder decisório dentro da comissão técnica, percebemos que, no futebol feminino em Paris 2024, a representatividade das mulheres foi expressivamente baixa, com apenas 25% delas sendo treinadoras. Trata-se do cargo com maior poder estratégico, visibilidade midiática e influência sobre o desempenho da equipe, o que torna sua baixa ocupação por mulheres ainda mais significativa. Lima Sampaio e Barreira (2026) analisaram a participação e desempenho de treinadoras em todas as edições da Copa do Mundo Feminina da FIFA, e constataram que, apesar do crescimento e da profissionalização do futebol feminino, há uma sub-representação das mulheres nos cargos de treinadoras de elite. Tal achado assemelha-se ao encontrado neste estudo, reforçando que mesmo com o futebol feminino na vitrine do esporte mundial, os espaços de maior poder de decisão nas equipes ainda permanecem ligados aos homens.

Embora 83% das seleções possuíssem ao menos uma mulher em algum cargo da comissão técnica, essa presença concentrou-se especificamente em cargos auxiliares, como o de auxiliar técnica, onde tivemos 52% dos cargos ocupados por mulheres. Passero *et al.* (2020), em seu estudo sobre a participação das mulheres nas comissões técnicas e na arbitragem em várias edições do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, constatou que os cargos em que houve maior participação feminina foram os cargos de auxiliar técnica e árbitra auxiliar. Isso reforça os achados da presente pesquisa, mostrando novamente a dificuldade da progressão das mulheres para cargos de maior visibilidade na modalidade.

A dificuldade de ascensão das mulheres aos cargos de maior poder e visibilidade pode ser compreendida à luz da metáfora do teto de vidro, formulada por Cotter, Hermsen e Ovadia (2001), originalmente associada às barreiras invisíveis que limitam o avanço feminino em posições de liderança no ambiente corporativo. Embora concebido no contexto empresarial, o conceito mostra-se plenamente aplicável ao campo esportivo, especialmente ao futebol, cuja estrutura histórica foi consolidada sob hegemonia masculina. A concentração de mulheres em funções consideradas secundárias dentro da própria modalidade feminina evidencia a persistência de uma hierarquização de gênero associada a um ambiente historicamente protagonizando por homens, como o futebol (Goellner & Kessler, 2018).

No presente estudo, pode-se observar que a seleção dos Estados Unidos foi campeã da edição, e possuía como treinadora uma mulher. Embora não se estabeleça relação causal entre liderança feminina e desempenho competitivo, o caso da seleção estadunidense ilustra que a presença de mulheres no cargo de treinadora é plenamente compatível com alto rendimento esportivo. Os estudos de Wolf (2017) e Souza *et al.* (2015) contam histórias de mulheres que romperam o teto de vidro e conquistaram seu espaço sendo treinadoras e gestoras. Pesquisas como essas demonstram a importância da representação de mulheres nesses cargos, entretanto não anulam as barreiras ainda existentes.

5. CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo demonstram que o marco histórico na paridade numérica entre atletas homens e mulheres nos Jogos Olímpicos de Paris 2024 não se refletiu de maneira proporcional nos cargos de liderança das comissões técnicas de futebol feminino. A presença feminina correspondeu a 34% do total de funções analisadas (treinadora, auxiliar técnica e preparadora de goleiras), concentrando-se principalmente em cargos auxiliares, enquanto o cargo de treinadora teve uma baixa representação feminina (25%). Esses achados evidenciam a persistência da desigualdade de gênero nos espaços de poder no esporte de alto rendimento,

mesmo em uma modalidade protagonizada por mulheres. A diferença hierárquica dos espaços ocupados por homens e mulheres nas comissões reforça a permanência de crenças de poder vinculadas à figura masculina.

A partir da literatura especializada sobre a metáfora do "teto de vidro", os dados refletem as barreiras históricas e culturais que ainda limitam a inserção e progressão de mulheres aos cargos de maior autoridade no futebol feminino. Dessa forma, embora haja sinais de avanço, é importante que haja políticas institucionais voltadas à equidade gênero que promovam a formação, inclusão, ascensão e permanência das mulheres enquanto comissão técnica, seja como treinadoras, auxiliares ou preparadoras de goleiras.

O estudo limita-se pelo recorte transversal, restrito a apenas uma edição olímpica e as três funções específicas das comissões técnicas em razão da indisponibilidade de documentos oficiais que contemplassem outras funções técnicas. Sugere-se que pesquisas futuras ampliem a investigação a outras edições olímpicas, outros cargos de poder e outras modalidades esportivas, a fim de aprofundar o debate sobre gênero e liderança esportiva.

Conclui-se, portanto, que Paris 2024, ainda que importante no marco da paridade de gênero entre os atletas, revela limites significativos no avanço das mulheres nos espaços de poder e liderança esportiva. A igualdade de gênero deve ultrapassar o campo de jogo, alcançando efetivamente a inserção plena da mulher no ambiente esportivo, nos espaços de decisão e liderança.

REFERÊNCIAS

Acosta, R.V., & Carpenter, L.J. (2012). Women in Intercollegiate Sport. A Longitudinal Study--Twenty Three Year Update, 1977-2000. *Acosta-Carpenter*. https://doi.org/10.1123/wspaj.9.2.141

Barreira, J. (2021). Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto?. *Movimento*, *27*, e27080. https://doi.org/10.22456/1982-8918.118131

Barreira, J., Casemiro, K. W., Angeli, J. F., Batista, A. B., & Santos, S. (2025). Desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil: impacto das regulamentações na participação, desempenho e liderança esportiva. *Movimento*, *31*, e31028. https://doi.org/10.22456/1982-8918.144366

Cotter, DA, Hermsen, JM, Ovadia, S., & Vanneman, R. (2001). The glass ceiling effect . *Social Forces* , *80* (2), 655-681. https://doi.org/10.1353/sof.2001.0091

Fédération Internationale de Football Association (FIFA). (2021). Women's Olympic Football Tournament – Squad lists (Tokyo 2020). https://fdp.fifa.org/assetspublic/ce5/pdf/SquadLists-English.pdf

Fédération Internationale de Football Association (FIFA). (2024). *Futebol olímpico: jogadoras convocadas para as equipes de Paris 2024.* FIFA. https://www.fifa.com/pt/tournaments/olympicgames/paris2024/articles/futebol-olimpico-jogadoras-convocadas-equipes-paris-2024

Ferreira, H. J., Salles, J. G. C., Mourão, L., & Moreno, A. (2013). A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. *Movimento*, 19(3), 103–124. https://doi.org/10.22456/1982-8918.29087

Giglio, S. S., Galatti, L., Machado, G. V., Altmann, H., Paes, R. R., & Montero-Seoane, A. (2018). Desafios e percalços da inserção da mulher nos Jogos Olímpicos (1894–1965). *Recorde*, 11(1), 1-21. https://ruc.udc.es/entities/publication/c73f84b3-24c4-46e8-8d21-5b154b975185

Goellner, S. V., & Kessler, C. S. (2018). A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: Ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. *Revista USP*, 117, 31–38. https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i117p31-38

International Olympic Committee (IOC). (n.d.). Female coaches. Olympics.com. https://www.olympics.com/ioc/female-coaches

International Olympic Committee (IOC). (n.d.). Olympic Agenda 2020. https://www.olympics.com/ioc/olympic-agenda-2020

International Olympic Committee (IOC). (2021). Olympic Agenda 2020 highlights. https://stillmed.olympics.com/media/Document%20Library/OlympicOrg/IOC/What-We-Do/Olympic-agenda/Olympic-Agenda-2020-Highlights.pdf

International Olympic Committee (IOC). (2022). Empowering female coaches: A week in the life of the WISH Programme. Olympic.org. https://olympics.com/ioc/news/empowering-female-coaches-a-week-in-the-life-of-the-wish-programme

International Olympic Committee (IOC). (2024). #GenderEqualOlympics: Paris 2024 making history on the field of play. https://www.olympics.com/ioc/news/genderequalolympics-paris-2024-making-history-on-the-field-of-play

International Olympic Committee (IOC). (n.d.). Resultados – Futebol feminino – Jogos Olímpicos Paris 2024. Olympic.org. https://www.olympics.com/pt/olympic-games/paris-2024/results/football/women

Krahenbühl, T., & Alencar, A. L. (2023). Mulheres nos cargos de liderança no esporte: Uma revisão da literatura. *Pensar a Prática*, 26. https://revistas.ufg.br/fef/article/view/75925

Lima Sampaio, M. E., & Barreira, J. (2026). Trinta e dois anos de desigualdade no treinamento de treinadores na Copa do Mundo Feminina da FIFA (1991–2023): Gênero, raça e região importam? *Soccer & Society*, 1–20. https://doi.org/10.1080/14660970.2025.2603769

Luz, P. K. R., Vogel, D., Da Silva, S. M., Cunha, C. C. D. A., Franzoni, A. M. B., & Macedo, M. (2026). O fenômeno do teto de vidro em organizações públicas: Uma revisão integrativa. http://repositorio.enap.gov.br/handle/1/9497

Novais, M. C. B. (2018). "À beira do gramado ou fora do jogo?": As treinadoras do futebol de mulheres no Brasil. https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFJF_0c8db22026dbccb4f23a0e4d9d563a98

Novais, M. C. B., Mourão, L., Souza Junior, O. M. D., Monteiro, I. C., & Pires, B. A. B. (2022). Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: Subversão e resistência na liderança esportiva. *Movimento*, 27, e27023. https://www.scielo.br/j/mov/a/kbpCcPvC89kXP4W63FS7qnP/?format=html&lang=pt

Nunes, G. C., Nascimento, M. C. D., & de Alencar, M. A. C. (2016). Pesquisa científica: Conceitos básicos. ID on line. *Revista de Psicologia*, 10(29), 144–151. https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/390

Oliveira, G., Cherem, E., & Tubino, M. J. (2008). A inserção histórica da mulher no esporte. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 16(2), 125–133. https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/1133

Pereira, A. B. (2019). A mulher e o esporte: Do desafio da desigualdade ao desacerto com as questões de gênero. In Rubio K. & Camilo J. A. O. (Orgs). *Psicologia Social do Esporte*. (pp.37-65). São Paulo: Laços.

Pfister, G., & Radtke, S. (2007). Mulheres tomando a liderança nas organizações esportivas alemãs. Movimento, 13(2), 91–129. https://doi.org/10.22456/1982-8918.3549

Proetti, S. (2017). As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: Um estudo comparativo e objetivo. Revista Lumen, 2(4). https://doi.org/10.32459/revistalumen.v2i4.60

Romariz, S. B., Votre, S. J., & Mourão, L. (2012). Representações de gênero no voleibol brasileiro: A imagem do teto de vidro. Movimento, 219–237. https://doi.org/10.22456/1982-8918.32657

Rubio, K. (2016). Agenda 20+20 e o fim de um ciclo para o Movimento Olímpico Internacional. Revista USP, 108, 21–28. https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i108p21-28

Rubio, K., & Simões, A. C. (2007). De espectadoras a protagonistas: A conquista do espaço esportivo pelas mulheres. Movimento, 5(11), 50–56. https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2484

Souza, G. C. D., Votre, S. J., Pinheiro, M. C., & Devide, F. P. (2015). Rosiclea Campos no judô feminino brasileiro. Revista Estudos Feministas, 23(2), 409–429. https://doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n2p409

Teodoro, A. S., Cappellari, G., Liszbinski, B. B., Kiefer, G. S., & Correia, P. P. (2024). Ascensão feminina: Desvendando os desafios do teto de vidro em cargos de gestão. Boletim de Conjuntura (BOCA), 19(57), 46–73. https://doi.org/10.5281/zenodo.13901255

Wolf, E. (2017). De jogadoras a treinadoras: Mulheres rompendo o teto de vidro. *Trabalho de Conclusão (Curso para bacharel em Educação Física)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre*.https://lume.ufrgs.br/handle/10183/174706